

A medicina e a mitologia grega (3)

Affonso Renato Meira

A mitologia grega traz em suas lendas e fábulas a existência de oráculos. Oráculo era a denominação dos locais onde os doentes apresentavam suas queixas e suas indagações. O termo “oráculo” serve também, em português, como definição de uma resposta obtida de um ser considerado superior.

Havia numerosos oráculos de Asclépio, entre esses o mais célebre o de Epidaura, no Peloponeso. O processo de cura ocorria com os enfermos dormindo nos templos. As descrições de como eram realizados esses tratamentos levam à dedução que se constituíam no que mais tarde Mesmer aplicou na Europa, no final dos anos de 1700 e início dos 1800, o chamado mesmerismo ou magnetismo, que hoje é denominado hipnotismo. Consta na mitologia grega que nos oráculos as pitonisas entravam em transe hipnótico para oferecer respostas às indagações apresentadas.

Nesse oráculo se desenvolveu uma escola de medicina cujos alunos passaram a constituir, no passar dos tempos, a família dos asclepiades, os seja, aqueles cujas habilidades em referência à cura de ferimentos e doenças eram baseadas no que Asclépio pregava.

Os milagres realizados por Asclépio foram tantos que causaram inveja a Zeus que pediu a Júpiter para com um raio fulminar Asclépio.

O culto a Asclépio e a seus conhecimentos, que o transformaram em “deus da medicina”, foram absorvidos por seguidores denominados asclepiades. Entre estes, o que mais destaque teve foi Hipócrates.

Na mitologia grega, com suas lendas e fábulas, aprende-se que o cuidado com a saúde precedeu o juramento de Hipócrates. Este dispôs sobre o comportamento dos que cuidavam da saúde, orientando as bases da ética, que chegam à atualidade.

Na realidade, as lendas e fábulas da Grécia Antiga informam que Asclépio exerceu seu mister nos idos de 1200 a.C., quase um século antes do tempo de vida de Hipócrates, assim como de Sócrates e Aristóteles.

Hipócrates, nascido em Kós no ano de a.C. 460 e falecido em Tessália em 377 a.C., é considerado por muitos uma das figuras mais importantes da história da saúde, frequentemente considerado o “pai da medicina”, referido como uma das grandes figuras entre Sócrates e Aristóteles durante o florescimento intelectual ateniense. Hipócrates era um asclepiade, isto é, considerado um membro de uma família que durante várias gerações oferecia atenção aos enfermos. Família que reunia os que seguiam os conhecimentos de Asclépio, considerado “deus da medicina”. Os dados da vida de Asclépio, como da vida de Hipócrates, são incertos ou pouco confiáveis, todavia muito consultados no transcorrer dos anos. Seguidor dos conhecimentos propostos por Asclépio, Hipócrates foi, em realidade, o precursor da conduta ética para os que se envolviam e se envolvem nos afazeres da saúde. O juramento de sua lavra serve como guia para os médicos em todo o mundo. Pelos estudiosos, Hipócrates é considerado o precursor do comportamento ético a ser seguido por todos aqueles que dedicam aos cuidados com a saúde.

Com o transcorrer dos anos, algumas de suas afirmativas vêm sendo consideradas discutíveis, mas o juramento por ele estabelecido engloba o que é o desejável pelas sociedades. Há de se atender no juramento que Hipócrates fê-lo a Apolo médico, e a Asclépio, Hígia e Panaceia.

Juramento de Hipócrates

Eu juro, por Apolo médico, por Asclépio, Hígia e Panaceia e por todos os deuses e deusas, a quem conclamo como minhas testemunhas, juro cumprir, segundo meu poder e minha razão, a promessa que se segue: estimar, tanto quanto a meus pais, aquele que me ensinou esta arte; fazer vida comum e, se necessário for, com ele partilhar meus bens; ter seus filhos por meus próprios irmãos; ensinar-

-lhes esta arte, se eles tiverem necessidade de aprendê-la, sem remuneração e nem compromisso escrito; fazer participar dos preceitos, das lições e de todo o resto do ensino, meus filhos, os de meu mestre e os discípulos inscritos segundo os regulamentos da profissão, porém, só a estes. Aplicarei os regimes para o bem do doente segundo o meu poder e entendimento, nunca para causar dano ou mal a alguém. A ninguém darei por prazer, nem remédio mortal nem um conselho que induza a perda. Do mesmo modo não darei a nenhuma mulher uma substância abortiva. Conservarei imaculada minha vida e minha arte. Não praticarei a talha, mesmo sobre um cálculo confirmado; deixarei essa operação

aos práticos que disso cuidam. Em toda a casa, aí entrarei para o bem dos doentes, mantendo-me longe de todo o dano voluntário e de toda a sedução sobretudo longe dos prazeres do amor, com as mulheres ou com os homens livres ou escravizados. Àquilo que, no exercício ou fora do exercício da profissão e no convívio da sociedade, eu tiver visto ou ouvido, que não seja preciso divulgar, eu conservarei inteiramente secreto. Se eu cumprir este juramento com fidelidade, que me seja dado gozar felizmente da vida e da minha profissão, honrado para sempre entre os homens; se eu dele me afastar ou infringir, o contrário aconteça.

Ainda com o ecoar do juramento de Hipócrates, o mito mais recente e mais profundo das lendas envolvidas com o espírito da medicina, é desejável lembrar e referenciar os episódios mais marcantes na mitologia grega em que esse envolvimento é encontrado.

Apolo, denominado médico por Hipócrates, em seu juramento, está presente em algumas passagens das fábulas gregas, que evidenciam mais momentos de paixão do que a ação médica. Assim foi com Dafne e com Jacinto, quando, desesperado para curar a si mesmo ou a um dileto e querido amigo, Apolo não consegue produzir a cura tão desejada. Esses episódios demonstram que a ação do médico não traz garantia de resultado, apesar do seu desejo e dos seus conhecimentos. A ação médica não é infalível. Só quando atende a Heitor, um troiano, inimigo dos gregos na Guerra de Troia, é que Apolo consegue realizar uma cura. Esse aspecto da lenda revela a neutralidade do médico atendendo ao seu cliente, colocado este acima de qualquer outra razão.

Nesse sobrevoo sobre as coincidências encontradas entre a mitologia grega e a medicina, é bem atual analisar a morte de Quíron. Na atualidade, o médico, respeitando o desejo do paciente em condições finais de vida e sem perspectivas de melhora, portanto caminhando para a morte, tem duas situações discutíveis a enfrentar: Continuar mantendo, de maneira artificial, a vida do paciente independentemente do seu sofrimento, caracterizando a distanásia, ou cuidar naturalmente do sofrimento do cliente sem tentar prolongar-lhe a vida, porém produzindo o maior conforto possível até a chegada da morte – caracterizando a ortotanásia. No Brasil, a cultura médica atual ainda não abandonou essa questão, todavia a mitologia grega mostra a decisão de Quíron em desejar morrer em vez de continuar sofrendo.

Com a figura de Asclépio se encontra o símbolo da medicina, a serpente enrolada no cajado, que é a representação da tradição médica. O nome de Asclépio, transportado para a mitologia romana, transformou-se em Esculápio, que em português é sinônimo de médico. No oráculo de Asclépio as curas eram realizadas através de um sono terapêutico de onde proveio o magmatismo que Mesmer transformou no que hoje é conhecido por hipnotismo, evidenciado por Charcot e Freud já na era atual da medicina. Na mitologia grega, Asclépio era considerado o “deus da medicina”.

Hipócrates, de tempos mais próximos, dito “pai da medicina”, com seu juramento, balizou a ética médica. Em seu juramento é encontrado o respeito aos mestres; os princípios da bioética; a repulsa à eutanásia e ao abortamento; a divisão com a especialização; a manutenção do segredo do paciente e o respeito aos clientes.

Referências:

Academia de Medicina de São Paulo. Afinal, quem é Asclépio?. *Asclépio: Boletim da Academia de Medicina de São Paulo*, n. 1, ano 1, São Paulo, jan./fev. 2010.

Brandão, J. S. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1986. v. 1.

Bulfinch, Thomas (1796-1867). *O livro da mitologia, a idade da fábula*. Trad. Luciano Alves Meira. Ilustração Getúlio Delphim. São Paulo: Martin Claret, 2013.

Guimarães R. *Dicionário da mitologia grega*. São Paulo: Cultrix, 1996.

Meira, A. R. *Código de Ética Médica: comparações e reflexões*. São Paulo, 2010.

Meira, A. R. *Sessenta anos passados: estórias de um médico não especialista*. São Paulo: Scortecchi, 2016.

Affonso Renato Meira
Professor Emérito da Faculdade de Medicina da
Universidade de São Paulo e Ex-presidente da Academia
de Medicina de São Paulo